

A jovem madura

Joaquim Roriz

Aos 32 anos de idade, Brasília exibe uma singularidade: é, simultaneamente, jovem e madura. É jovem porque é uma obra em aberto, contemporânea, que somente agora o País começa a vislumbrar para além de sua fachada político-administrativa. E é madura porque, em que pese a pouca idade, já fixou suas linhas urbanísticas fundamentais, suas múltiplas vocações de capital e de síntese da nacionalidade.



Em face disso, Brasília ostenta outra distinção entre as urbes modernas: é o único monumento contemporâneo em todo o mundo a ser considerado pela Unesco patrimônio cultural da humanidade. É entre essas duas condições aparentemente antagônicas — de um lado, organismo vivo, vibrante e em expansão; de outro, monumento arquitetônico de genial refinamento estético — que a cidade se equilibra, de olhos postos no futuro, permanente sugestão de sua paisagem, sempre a descortinar o mais amplo horizonte.

Juscelino Kubitschek sonhou Brasília exatamente assim: um fator de efetiva integração deste País-continente e, simultaneamente, um pólo irradiador de padrões renovados de comportamento e cultura. O Brasil litorâneo — governado inicialmente de Salvador e, depois, do Rio de Janeiro — era um gigante de costas para si mesmo, contemplando submissamente a Europa. Interiorizado a partir do Centro-Oeste, a meta era — e é — descobrir-se a si próprio, renovar-se e, enfim, cumprir seu destino de grandeza e esplendor. Não se faz isso da noite para o dia, mas é certo que, desde sua inauguração, Brasília vem propiciando gradualmente essa saudável e profunda transformação.

Profecias — Jamais o Brasil rural foi tão conhecido e prestigiado como hoje. Ao contrário: antes de Brasília, o brasileiro tinha visão absolutamente pejorativa de seu interior. Se isso

ainda não cessou de todo, é certo que está próximo disso. Brasília aproximou o brasileiro de sua própria geografia e o faz rever conceitos e valores, num processo lento e sofrido, mas indispensável ao amadurecimento do País. O surgimento de Brasília foi precedido por numerosas profecias. Dom Bosco a anteviu em sonho que, com pequenas variações, foi o mesmo dos precursores da Independência, desde o maçom Hipólito José da Costa, fundador do pioneiro **CORREIO BRAZILIENSE** — editado em Londres e de circulação clandestina no Brasil de 1808 —, passando por José Bonifácio e chegando a Juscelino Kubitschek, que finalmente a concretizou, pelas mãos hábeis e geniais de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Israel Pinheiro.

O destino concedeu-me a honra de governar por duas vezes esta cidade: a primeira, em 1988, nomeado pelo presidente Sarney; e a segunda, a partir de 1991, na condição de primeiro governador eleito pelo voto direto da população, ainda no primeiro turno. Posso afirmar que tenho recebido manifestações incontestas de aprovação popular. E o segredo desse apoio é ter decifrado algo simples: a cidade real que pulsa por trás da cidade administrativa. E, aí, não há como ignorar o Entorno do DF e as suas numerosas carências.

Realidades — O programa de assentamentos em lotes semi-urbanizados — do qual resultaram novas cidades-satélites como Samambaia e Paranoá — atendeu a algumas realidades emergenciais: de um lado, deteve o processo de invasões no Plano Piloto, que já começava a desfigurá-lo e a ameaçar a missão administrativa da cidade; e, de outro, descortinou um horizonte mais humano para os brasileiros de origem humilde que aqui buscam vida melhor.

Resta-nos, agora, na sequência desses programas, lutar por uma providência indispensável não apenas para Brasília, mas para todo o Brasil: a fixação de uma política nacional de migração, cujo ponto de partida são as reformas urbana e agrária. Esse o debate que Brasília, na plenitude de sua precoce maturidade, pretende deflagrar no Brasil.